

# LUGARES DO JUDAÍSMO E O SAGRADO: IDENTIDADE, COMUNIDADE E AFETOS<sup>1</sup>

*PLACES OF JUDAISM AND THE SACRED: IDENTITY, COMMUNITY AND AFFECTIONS*

**Júlia Calvo**

Doutora em Ciências Sociais, professora do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e Pesquisadora do Instituto Histórico Israelita Mineiro, Brasil

[juliacalvo1@gmail.com](mailto:juliacalvo1@gmail.com)

**Bruno Calvo Dorfman**

Graduando em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil

[bruno.calvo.dorfman@gmail.com](mailto:bruno.calvo.dorfman@gmail.com)

Recebido: 03.10.2021

Aceito: 10.12.2021

## Resumo

Tratar do Sagrado remete às experiências individuais e coletivas. No caso dos judeus, remete a uma tradição vivida por cada um deles, em seu momento subjetivo e/ou coletivo de aproximação com sua tradição e sua fé. Assim, o ser judeu se consagra no ato de lembrar, reviver e ressignificar, sempre de forma singular e única, na relação que se estabelece em cada comunidade judaica pelo mundo. O que são lugares sagrados do judaísmo? O que são Lugares do sagrado para o judaísmo e para os judeus? É sobre essas perguntas que cá nos debruçamos, refletindo que o que sacraliza lugares, pessoas, objetos e tradição é o sentido que lhes é conferido e permite o estabelecer das ligações feitas entre o espaço e o espiritual, e seus sentidos em cada tempo e cada comunidade judaica. Os judeus se organizam em comunidade e, por meio da vida comunitária, se organizam enquanto judeus. A vida comunitária diz respeito a quem são enquanto identidade individual e coletiva, ou seja, diz respeito de quem são para si mesmos e de quem são para o mundo. Escolher portar um símbolo judaico junto ao corpo ou ostentá-lo em sua casa indica o uso do sagrado e seu lugar para cada judeu. Frequentar um lugar com sentido de aproximar-se a sua religiosidade e fé confere a este lugar o status de sagrado. Historicamente as perseguições e as adversidades sempre marcaram os judeus. Os judeus, portanto, independente da escolha de crença e de fé, são determinados judeus pelos outros. Entretanto, ao escolher a manutenção da tradição e da vida comunitária, os judeus ressignificam e conferem sentido ao sagrado, tornando ser judeu uma questão de escolha.

**Palavras-chave:** Lugares do Sagrado; Judeus; Comunidade Judaica

<sup>1</sup> Artigo baseado na palestra da autora no 19º SEMINÁRIO CLÁUDIO PERES DE PRÁTICAS DE ENSINO E GEOGRAFIA APLICADA - GEOPATRIMÔNIO: CONEXÕES INTERDISCIPLINARES, da PUC Minas

## Abstract

To ponder upon what is sacred calls back to experiences, both individual and collective. In the case of the Jewish people, it calls back to a tradition lived by each of them, in their emotional and/or collective moment of approximation with their tradition and faith. Thus, being Jewish is consecrated in the act of remembering, reliving and reinterpretation, in a fashion always singular and unique, throughout each Jewish community in the world. What are Judaism's sacred places? What are sacred places to Judaism and the Jews? We mean to reflect upon these questions, considering that what consecrate places, people, objects, and tradition is the meaning conferred upon them and allows the establishment of connections between the physical and the spiritual, and its meanings in each time and each Jewish community. Jews organize themselves as communities and, employing community life, organize themselves as Jews. Community life refers to Jews' individual and collective identity, which is to say, who they are to themselves and the world. Choosing to wear a Jewish symbol or to put it in one's home indicates the use of the sacred and its significance to each Jew. Frequenting a place meaning to grow closer to one's faith consecrates it. Historically, persecution and adversity have always left their mark upon the Jews. Jews, then, regardless of their own choice in what to believe in, are determined as Jews by others. However, upon choosing to maintain tradition and community life, Jews reinterpret the sacred and confer meaning upon it, making being Jewish a choice.

**Keywords:** Holy Places; Jews; Jewish Community

---

## 1. INTRODUÇÃO

O que pensamos quando se fala em lugares sagrados? Lugares sagrados são espaços alçados a uma condição de sacralidade pois estabelecem uma relação com o divino, o espiritual, a bondade, a benfazeja na maioria das vezes. São sacralizados por intermediação de uma ideia de autoridade, que não necessariamente vincula-se a uma relação de poder em senso comum e que pode consagrar um espaço. Essa autoridade que parte das pessoas, das coisas, e do sentimento como, por exemplo, a própria história ou um imaginário que lhes garantiram um status e um sentido que os permite ultrapassar as linhas fixas de realidade.

No caso das sociedades de forma geral, os locais de culto e oração, o cemitério ou um pequeno santuário exercem esse papel. No Judaísmo, é possível materializar nosso imaginário em lugares que existem e que já são extremamente conhecidos. Um bom exemplo é o Muro das Lamentações, que são ruínas do que restou após a destruição do segundo templo. O Muro em questão é divulgado nas imagens e no imaginário e aparece em menções religiosas presentes nos rituais (é referência na crença judaica como repositório de desejos e pedidos e, ao mesmo tempo é uma das explicações para se quebrar o copo no casamento). Lugares sagrados são aqueles que materializaram essa relação com o divino. Aqui preferimos tratar de Lugares do sagrado-que, em conjunto com

aqueles espaços portadores da sacralização, podem configurar e indicar aqueles espaços que, pelo uso, pela tradição e pela fé, materializam a cultura e a fé judaica. Dentre eles podemos citar as sinagogas e os cemitérios. As sinagogas são lugares de reunião e de oração. Suas construções podem ser especiais, mas não precisam sê-lo. Quem faz esse espaço sagrado são as pessoas e o uso que fazem delas. A sinagoga pode ser uma pequenina sala para a prece, ou seja, pode ser criada em qualquer lugar que permita a reunião dos judeus para congregação e oração. Ali, geralmente em presença de um grupo mínimo de dez judeus adultos, se realizam as principais orações e se faz a leitura semanal do livro sagrado. É um instrumento da fé que ganha sentido sagrado quando realiza suas funções religiosas.

O armário que guarda os rolos da Torá (composta pelos cinco primeiros livros do Velho Testamento) é chamado de Arca Sagrada, em hebraico *Aron HaCodesh*. A posição dele é importante. Fixado numa parede e voltado para Jerusalém, diante do qual as pessoas manifestam suas orações de representação mais subjetivas e profundas para a fé judaica. A sinagoga pode ter outros símbolos, como uma lâmpada acima e diante da Arca Sagrada deixada sempre acesa, simbolizando continuamente (mesmo do lado de fora) o ardor do que está dentro: o testemunho. Essa Luz é chamada de *ner tamid*, a luz eterna.

Assim como o local dos mortos já se revela obviamente como lugar onde é imperativo o sobrenatural, a sacralidade é instituída ao despertar a ligação com o mundo dos mortos e com o mundo espiritual. Assim também o cemitério judaico assume seu papel de lugar sagrado. No caso judaico, o cemitério torna-se sagrado a cada sepultamento de um judeu. A terra em si, onde acontece o sepultamento, é só um punhado de terra até receber o corpo que ali é sepultado. A partir desse ato, a terra é sagrada e envolve respeito, oração e contemplação.

Esses lugares, portanto, são quase todos os lugares que recebem o sentido da sagração como ato religioso e de fé. E eles são vários. Eles indicam a relação dos judeus com a religião e a comunidade, no presente e no passado. Em cada lugar que contou com a presença judaica, se fez marcas pela sua passagem e, a cada passagem, dentro da sua temporalidade, se estabeleceu formas judaicas de ser judeu naquele espaço e naquela comunidade.

A sacralização é tomada pelo sentido. Uma sinagoga em Nova York pode ter uma aparência completamente diferente de uma sinagoga na China, no Marrocos, na Rússia, na França ou no Brasil. Todas diferentes em tamanho, forma, arquitetura e estética. Todas e cada uma delas tornar-se-ão sagradas ao ganharem o sentido de reunião e oração. Ainda,

vale dizer, nem todos os locais do sagrado são felizes e evocam bons sentimentos. Por exemplo, os locais dos antigos Campos de Concentração, como Auschwitz, acabaram se tornando lugares de memória e peregrinação. Carregam o sentido do lembrar ou de um doloroso não esquecer. Ou seja, Lugares do Sagrado no Judaísmo são muitos e variados no tempo e no espaço, e estão materializados em construções e lugares da memória, e nos objetos e lembranças que possibilitam a continuidade do povo e da fé judaica.

## 2. OS DESLOCAMENTOS E O SENTIDO DE COMUNIDADE

Os espaços do sagrado para os judeus são muitos porque os judeus se deslocaram numa condição e situação diaspórica por muitas vezes ao longo da História. Na Antiguidade se registrou a primeira diáspora, durante o império babilônico, e a segunda, durante o império romano. Durante a Idade Média, a sequência de perseguições com as Cruzadas e a Inquisição Ibérica promoveram um espalhamento dos judeus pelas regiões do Mediterrâneo e pelas colônias nas Américas portuguesa e espanhola. No mundo contemporâneo registra-se o aumento migratório dos judeus pelo mundo durante a transição demográfica na Europa<sup>2</sup>, entre 1890- e 1899, e depois pelo crescimento do Antissemitismo (primeiro na Europa Oriental, entre 1900 e 1919 e após, com o avanço do Nazismo entre 1920 e 1959, atingindo a Europa Central antes e depois da Guerra.

No Brasil, os judeus se estabeleceram em maior ou menor volume, geralmente acompanhando a migração geral vinda da Europa pelas determinações do tempo. É o que nos mostra a Tabela 1:

**Tabela 1 - Brasil – Imigração Geral e Judaica, Brasil (1872-1972)**

PERÍODO	GERAL		JUDAICA	
1872-1879	176.337	3,3%	500	0,5%
1880-1889	448.622	8,4%	500	0,5%
1890-1899	1.198.327	22,4%	1.000	1,1%
1900-1909	622.407	11,6%	5.000	5,4%
1910-1919	815.453	15,2%	5.000	5,4%
1920-1929	846.647	15,8%	30.316	32,5%
1930-1939	332.768	6,2%	22.452	24,1%
1940-1949	114.085	2,1%	8.512	9,1%
1950-1959	583.068	10,9%	15.243	16,3%
1960-1969	197.587	3,7%	4.258	4,6%
1970-1972	15.558	0,3%	450	0,5%
Total: 1872-1972	5.350.859	100,0%	93.231	100,0%

Fonte: DECOL, 2001, p. 153

<sup>2</sup> Quando se marca um crescimento populacional na Europa, que não foi sustentado pela produção de alimentos e geração de empregos levando a grandes massas de gente deixarem seus países em direção as Américas.

Observando a tabela é possível perceber que, entre 1872, quando começa a contabilização de Decol (2001), amparado nos dados do primeiro censo brasileiro realizado, e o ano de 1889, à ocasião da Proclamação da República, as migrações gerais representaram 3,3%, e as dos judeus mantiveram em 0,5%. Com o advento da República e os sentidos que ela trouxe de separação Igreja-Estado e de noções de cidadania, esse número começou a crescer. Até 1899, o deslocamento dos judeus para o Brasil acompanhava o crescimento migratório fruto da transição demográfica vivenciada na Europa. Depois desse período, o número vai começar a carregar uma história própria, com o aumento das perseguições aos judeus naquele continente.

Entre 1900 e 1909, observa-se que a imigração de estrangeiros como um todo cai pela metade, mas a de judeus aumenta para 5.4%. A proporção da imigração especificamente judaica, portanto, quintuplica. O maior fluxo de entrada se deu com o crescimento do nazismo entre 1920 e 1929 (32,5%). Esse número vai continuar muito significativo até 1939 (24,1%), depois se reduzindo drasticamente para 9.1%. O fluxo migratório geral, como a tabela indica, também se reduziu. Essa redução está associada ao início da Segunda Grande Guerra. No caso dos judeus, é interessante destacar que esse número também foi reduzido, mesmo quando as perseguições nazistas aumentavam no continente com o aumento da perseguição aos judeus, a criação de guetos, campos de trabalho e, depois, campos de extermínio. Esse paradoxo se explica pelas restrições migratórias impostas então pelo governo brasileiro, principalmente dirigidas para vetar os vistos aos judeus<sup>3</sup>. Posteriormente, com a entrada do Brasil na guerra, a concessão de vistos é suspensa, e, só depois, entre 1950 e 1959, esses números passam a crescer novamente, incluindo nessa leva muitos sobreviventes do Holocausto.

É importante entender as particularidades que estiveram presentes nas diversas temporalidades. Como também é importante, se falando sobre lugares do sagrado, entender que onde o judeu se fixou, ele constituiu uma comunidade. A comunidade é importante porque compõe a vida religiosa – já que se exige pelo menos dez judeus adultos reunidos para as principais orações – e, também, compõe a vida civil, ao estabelecer a relação do grupo de judeus com a comunidade maior em está se inserindo.

O modelo de comunidade dos judeus é herdado da forma medieval de aldeamentos, quando os judeus eram segregados em guetos pela Europa e proibidos de comprar terras ou de exercer atividades em locais urbanos ou rurais. Em ídiche, o dialeto falado na Europa

---

<sup>3</sup> Tucci Carneiro, em sua tese publicada com o título **O Antissemitismo na Era Vargas** denunciou a existências de Circulares Secretas, encaminhadas pelo Ministério das Relações Exteriores às embaixadas e consulados brasileiros de todo mundo, orientando a se negarem vistos aos judeus.

Central, esse modelo comunitário era chamado de *shtetl* (aldeia). Nas Américas se instituíram organizações comunitárias nesse mesmo modelo

Como que um rosto refletido no espelho d'água, a comunidade judaica brasileira tem seu perfil delineado pelo padrão do Judaísmo tradicional do *shtetl* que, ao longo das novas gerações, foi sendo reinterpretado e adaptado à realidade nacional. Trajetórias distintas, guardadas as essências regionais, nos colocam diante de múltiplas imagens que, pelo fato de terem sido moldadas numa mesma matriz, se apresentam como que espelhadas iluminadas (CARNEIRO, 2013, p 187).

As comunidades, apesar das semelhanças que geralmente se manifestam quando se organiza e possui sinagoga e cemitério, são únicas em cada lugar em que se organizam. Sua base se assenta nas singularidades de como os grupos percebem e se adaptam nos locais em que são acolhidos. As diferenças podem ser perceptíveis em cada cidade ou país e incluem até mesmo a pronúncia das orações em hebraico e recriação de determinados rituais. Em comum está o uso da tradição para seu reconhecimento na sociedade receptora.

A comunidade significa a garantia de preservação, da continuidade dos judeus por meio da transmissão das tradições e a adaptação e atualização dessas tradições em qualquer lugar onde se inscrevam. Nessas formas de inventar e reinventar as tradições se estabelecem lugares do sagrado. É possível perceber hoje a existência de comunidades guetificadas de judeus, mesmo sem a proibição histórica antiga. São comunidades ortodoxas e ultra ortodoxas que vivem em um espaço e, como em algumas se aparenta, em um tempo diferente. Parece ter sido suspenso e que os judeus que ali vivem compartilham um tempo distinto.

Outros lugares que marcaram a passagem dos judeus viraram referência desses lugares do sagrado. Volto a lembrar dos campos de concentração, onde acontecem visitas em defesa da memória, chamadas de "Marcha pela Vida", nas quais judeus, e quem mais quiser, podem refazer o caminho em direção aos campos de extermínio. Ressignificam sua relação com um passado que é lembrado na forma de dor e resistência. Outro lugar de memória que está no Brasil e que gostaria de citar é a Sinagoga Kahal Zur Israel, que hoje abriga o Arquivo Histórico Judaico de Pernambuco. O lugar registra o que teria sido a primeira sinagoga conhecida das Américas, que funcionou durante a Dominação Holandesa no Brasil colonial. A descoberta é fruto da escavação arqueológica que descobriu nesse lugar uma piscina com sete degraus que seria utilizada para o banho ritual,

chamada de *mikvê*, e a comprovação de que naquele lugar existiu e funcionou uma congregação, uma sinagoga judaica.

### 3. SÍMBOLOS QUE DÃO SENTIDO E LUGARES QUE CARREGAM OS SÍMBOLOS

Os judeus foram chamados de Povo do Livro, em referência aos Rolos da Torá e ao respeito às leis bíblicas. A Torá, onde quer que ela esteja, garante a sacralidade dos espaços. Idem, há outros símbolos referenciais que carregam os sentidos do sagrado, da aproximação com a divindade e com a fé. São a sinagoga e o cemitério, feitos sagrados pela reunião de judeus ou seu sepultamento.

Símbolos também podem ser objetos sacralizados por consequência de seu emprego pelas pessoas. A *Mezuzá*, que é uma pequena caixa colocada no batente da porta na entrada da casa, exemplifica essa relação com a sacralidade. Não é o objeto em si, apesar dele dizer muito, que o torna sagrado, mas o lugar em que está fixado e o uso e as representações que ele carrega.

A *Mezuzá*, ou já que a grafia vem a traduzir uma palavra em hebraico que não existe no português, *Mezuzah*, é um mandamento presente na Torá. Ela contém no seu interior um pergaminho com duas orações judaicas muito importantes e é fixada no umbral das portas. As duas orações da *Mezuzá* são o *Shemá* e a *Vehaya*. O *Shemá* significa “ouve” e é a principal confissão da fé judaica, anunciando o pressuposto da unicidade de Deus e o dever sagrado em servi-lo. A *Vehaya* significa “acontecerá” e afirma que a observância dos preceitos da Torá será recompensada.

Esse objeto, carregado de História, não é um objeto de proteção e nem uma marca da casa ou lar judaico. Ele tem a função de lembrar a todos que passarem por lá da presença de Deus e o compromisso firmado com ele. Antes de passar pela porta, ou a sair, tem-se o hábito de colocar a mão sobre a *Mezuzá* e beijá-la com o sentido de deferência e respeito. Não é, portanto, o objeto em si que é exatamente sagrado, é a referência e o sentido de seu uso como tradição e religião que lhe traz uma sacralidade única e estabelece a relação do judeu com o sentido do divino.

Outro símbolo que também é familiar para muitos, sendo muito difundido no mundo todo, é a Menorá. A Menorá ou Menorah, novamente é uma transliteração do hebraico, significa lâmpada. É um candelabro de sete braços. Segundo a narrativa bíblica foi feita por Moisés para ser colocada num lugar santificado e simbolizar os arbustos em chamas que ele teria visto no Monte Sinai. Hoje é um dos símbolos do Estado de Israel. No mês de dezembro, durante a festa judaica de *Chanuka*, se acende um outro candelabro, a *Chanukiá*

ou *Chanukiah* que contém nove braços para serem acesos em cada dia da festa (tendo esta a duração de 8 dias) para lembrar o milagre que teria acontecido durante o domínio selêucida, quando os judeus se recusaram a deixar a sinagoga e o óleo para acender as velas, que deveria ter durado apenas um dia, durou oito. A Menorá, hoje, além de simbolizar o Estado de Israel, está presente em muitos lares judaicos. Tem papel decorativo, mas, ao colocá-lo em lugar visível ou se fazer uso dele, torna-se símbolo importante da fé judaica.

Outro símbolo muito difundido e que também simboliza hoje o Estado de Israel é a Estrela de David ou, em hebraico, *Magen David*, representando o escudo do rei David e possuindo diversas interpretações para os judeus, e outras religiões também, podendo simbolizar, por exemplo, a luta entre o bem e o mal ou o conflito entre o físico e o espiritual. São dois triângulos que se sobrepõem e formam uma estrela. Também é conhecida por alguns como o selo de Salomão, tendo supostamente figurado nos escudos de muitos guerreiros em batalhas. É um símbolo de grande valor para os judeus. Compõe a bandeira de Israel e aparece frequentemente em decorações e acessórios. Representa assim a História dos judeus e simboliza a perpetuidade e o sagrado quando carregado e colocado na casa ou junto ao corpo.

Assim, não é só um lugar físico que pode receber a sacralidade, mas todo e qualquer objeto que, quando usado ou colocado em destaque, nos aproxima da tradição e da religiosidade. Um objeto que é ressignificado para ser reapresentado e traduzido, no íntimo de cada um, como a sua relação com Deus e que, quando usado como decoração ou acessório, demonstra uma afirmação e possibilita um reconhecimento dentro da comunidade.

#### **4. LUGARES DO SAGRADO EM BELO HORIZONTE**

A presença dos estrangeiros e, neste caso, dos judeus junto aos estrangeiros que chegaram a Belo Horizonte, é diferente se pensarmos de forma ampliada nas imigrações de estrangeiros para o Brasil e o Estado mineiro. Enquanto vários estados brasileiros atraíram os imigrantes com apoio da imigração subvencionada pelo Estado durante o século XIX Minas, majoritariamente, absorveu a própria mão-de-obra durante esse período.

A produção aurífera levou a um crescimento populacional e a uma concentração de escravos e trabalhadores livres. A estabilidade numérica dessa população trabalhadora, mesmo com o declínio do ouro na região, indica que não há um declínio econômico no Estado, contradizendo a historiografia tradicional, marcada pela noção cíclica. O Estado mineiro passou por uma diversificação econômica com o fim da extração do ouro e voltou-

se para um processo de mercantilização da produção local, voltada para o abastecimento de seu próprio mercado interno e de outros estados, principalmente da Corte no Rio de Janeiro.

Continuou durante todo o século XVIII e XIX contando com a maior população trabalhadora do país (escrava até 1888 e livre antes, durante e depois da abolição) que ocupará os novos postos para mão-de-obra, principalmente na atividade agropastoril a tornar-se hegemônica no estado, e levando ao aparecimento de novos polos urbanos e o crescimento das áreas rurais. Belo Horizonte é fruto da política investida na transferência da capital do Estado de Ouro Preto para um lugar mais promissor para as relações comerciais e desvinculado das grandes oligarquias mineiras que disputavam o controle. O Curral Del Rey, que vai ser destruído para dar lugar a nova capital, necessitou de braços para a construção proposta em 4 anos e de funcionários para ocuparem e fornecerem tudo de que a moderna estrutura urbana necessitava.

Aí entraram os judeus, atraídos pela oportunidade de trabalho e negócios. Eles mantiveram seus contatos com outros judeus dentro e fora do Brasil e acabaram oferecendo à cidade de BH um verniz moderno e cosmopolita, trazendo cultura e elegância nos produtos e nas modas que comercializavam aqui. Especializaram-se no comércio de artigos de luxo e acabaram incluídos de forma privilegiada na cidade.

Nas palavras de Botelho (2007), Belo Horizonte foi uma “cidade de migrantes” ao destacar a importância dos migrantes vindos de dentro e de fora do Brasil, principalmente quando se toma o crescimento da cidade indicando a presença expressiva de operários que, em menos de três décadas somavam mais de 11 mil pessoas no universo de 50 mil habitantes pelo censo de 1920<sup>4</sup>. Os judeus, apesar de serem mais difíceis de identificar no Censo de 1920, que não verificou religião, estavam inclusos nos migrantes que chegaram à cidade.

O registro do primeiro judeu a chegar em Belo Horizonte, ainda no início da construção, é o Senhor Arthur Haas, alsaciano de origem que já estava no Brasil. Ele veio para a capital em construção a pedido do próprio Engenheiro Chefe da Comissão Construtora, Aarão Reis. Aqui, abriu uma loja de ferragens e construção para atender às

---

<sup>4</sup> Ao estudar os italianos, afirma que a presença maciça de migrantes nacionais e estrangeiros na cidade deixou suas marcas na população e comprova essas marcas por meio dos estudos da estrutura etária de seus habitantes por meio dos dados obtidos nos censos municipais de 1905 e 1912. Mostrou que os brasileiros formavam o conjunto predominante de novos habitantes, e que a migração que predominou após a construção da cidade foi a de núcleos familiares, refletindo uma imigração internacional marcada pela presença de famílias inteiras e de migrantes oriundos do próprio Estado com suas famílias. (BOTELHO, 2008, p. 8-10)

demandas da cidade em obras<sup>5</sup>. Assim, segundo os dados do censo de 1920, havia, em Belo Horizonte, 4.824 estrangeiros (incluindo aí os brasileiros naturalizados). Para definir parte desse total como de origem judaica, foram cruzadas informações de nacionalidades nas entrevistas e na documentação disponível no arquivo do Instituto Histórico Israelita Mineiro.

Na Tabela 2 são identificados, por origem, os judeus que se associaram à União Israelita de Belo Horizonte, fundada ainda em 1922. Essas informações foram transcritas e quantificadas a partir da análise do livro de atas dessa primeira entidade judaica registrada na cidade. Listados nominalmente, entre 1927 e 1941, foram registrados 104 judeus associados:

**Tabela 2** - Sócios-contribuintes da União Israelita de Belo Horizonte por nacionalidade, 1927-41

ORIGEM	QUANTIDADE
Brasileiro ou brasileiro naturalizado	06
Romênia	25
Palestina	28
Rússia	24
Polônia	14
Bulgária	01
Inglaterra	01
Argentina	02
Áustria	01
Hungria	01
Turquia (Esmirna)	01
Total	104

**Fonte:** Compilado pelos autores com base nos Livros da União Israelita/IHIM<sup>6</sup>

Com relação ao significado deles na população da cidade, ou seja, a proporção deles aqui, o censo de 1940, que traz os dados de religião, possibilita a identificação dos judeus na categoria de israelitas e é possível contar e definir a participação desses judeus na cidade nos dados apresentados na Tabela 3.

A participação dos judeus, em 0,4%, parece pequena. Entretanto, ela torna-se significativa quando comparada ao total de judeus no Brasil e, particularmente, no Estado mineiro: com relação ao Brasil, os israelitas compunham 0,2% da população; no Estado compunham 0,02% da população. Isso indica que havia uma concentração notável de judeus na capital mineira.

<sup>5</sup> A loja de Arthur Haas, foi a primeira loja de construção da cidade, fundada em 1894 com o nome de *A Constructora*. Arthur Haa havia passado por Belém, pelo Rio de Janeiro e se instalado finalmente na cidade de Belo Horizonte.

<sup>6</sup> Nas listas, existem sócios sem nacionalidade atribuída, e, para fins de análise e do objetivo de se determinar a origem nacional dos migrantes judeus em Belo Horizonte, não foram contabilizados na tabela os sócios sem declaração de nacionalidade.

Isso demonstra a ligação dos judeus com a cidade em formação e confirma a relação comercial estabelecida com a cidade que deu, ao judeu, o sentido de utilidade e de inclusão e, assim, permitiu que desse, em Belo Horizonte, caráter público ao sagrado que podendo ser identificado pelas instituições que foram fundadas ainda nas primeiras décadas do século XX. Essas entidades deram ao judeu materialidade e representação pública, configurando seu pertencimento a Belo Horizonte.

**Tabela 3** - População segundo a Religião, Belo Horizonte, 1940

RELIGIÃO	NÚMERO DE PESSOAS	PORCENTAGEM
Católicos	193.690	91,6%
Protestantes	4.374	2%
Ortodoxos	284	0,1%
Israelitas	791	0,4%
Maometanos	17	0,01%
Budistas	31	
Xintoístas	10	
Outros	17	
Espíritas	6.437	3%
Positivistas	3.968	1,9%
Sem religião	912	0,4%
Religião não declarada	846	
TOTAL	211.377	100%

Fonte: IBGE/adaptado pelos autores, 2021

Na nossa perspectiva de analisar o sagrado é importante apresentar a vocês as principais instituições judaicas na capital mineira. A primeira, a União Israelita de Belo Horizonte, foi fundada em 1922. Ela serviu de congregação para os judeus, e de representante junto aos órgãos da administração pública. As sinagogas, que como já discutido, independem de uma construção imponente e permanente, já existindo de forma improvisada nas casas e nas lojas. A fundação da União Israelita foi importante para definir melhor esse espaço de congregação e servir de referência para as orações, principalmente em momentos festivos do judaísmo e da vida do judeu.

Logo na sequência foram planejados e instituídos dois espaços muito importantes para a continuidade da comunidade e seus sentidos do sagrado: a escola e o cemitério:

Escola e cemitério são marcos fundantes de qualquer comunidade, independente da sua origem, pois garantem dois pilares fundamentais para continuidade do grupo: o princípio educativo, que visa a competência da construção de uma vinculação identitária de um lado, e a idealização de um passado para o grupo, garantindo-lhe historicidade, ao preservar a memória e até um lugar concreto para os antepassados. Em ambas as instituições há um reforço consistente e persistente de pertencimento e da coesão grupal. (CALVO, 2014, p. 192)

A preocupação com a criação da Escola já estava presente nas reuniões da União Israelita em 1926, quando é indicada a comissão para tratar do estabelecimento dela e encaminhar uma solicitação de orientação ao Dr. Raffalovich<sup>7</sup>, que era o representante da agência judaica no Brasil. A escola israelita foi fundada em 1928 e começou a funcionar em fevereiro de 1929<sup>8</sup> como um espaço de educação comunitária judaica, de socialização do grupo e de afirmação do pertencimento para preservar e difundir a cultura judaica.

A Escola funcionava numa forma mista, isto é, a responsabilidade e o pagamento dos professores eram divididos entre a comunidade judaica e o Estado. Só se tornou possível seu funcionamento porque havia o reconhecimento pelo governo de que seria uma entidade educativa regular e, assim, o governo nomeava, por sua conta, os professores para as matérias gerais, exigidas no currículo de formação no país. A comunidade arcava e se responsabilizava pela contratação de professores de *ídiche* e hebraico. (CALVO, 2014, p. 166)

Ali não se ensinava religião, mas a história judaica, a literatura ídiche, a bíblia judaica e um pouco da língua hebraica para leitura do livro de rezas. Ela foi importante e durou 30 anos no mesmo formato, educando gerações de judeus. A Educação judaica segue sendo importante para a construção identitária e a própria continuidade do grupo. Hoje Belo Horizonte tem ainda uma escola judaica em funcionamento, a Escola Theodor Herzl, que é privada e ensina a história do povo judeu, a língua hebraica e a cultura judaica. Celebra e ensina-se sobre a religião, as festas e o guardar do sábado. Muitos judeus, assim podem ter tido seu primeiro contato com a religião e a cultura por meio da escola.

Já o Cemitério Israelita de Belo Horizonte foi uma concessão da prefeitura durante a gestão de Otacílio Negrão de Lima. O terreno foi comprado pela União Israelita em 1936 e foi deu-se início à construção do cemitério segundo os regulamentos norteadores da cidade. O cemitério foi inaugurado em 1937 e nos primeiros anos não lhe era permitido manter um serviço funerário próprio. Ele utilizava, assim, sob pagamento de taxas e constante fiscalização, o serviço funerário do município.

O Cemitério Israelita ainda hoje está situado na Avenida Isabel Bueno, 1382, no bairro Jaraguá. Sua construção garantia o respeito aos rituais próprios do sepultamento judaico e tinha a função de perpetuar aqui a comunidade. Antes mesmo de sua

---

<sup>7</sup> Segundo CARNEIRO, 2013, Raffalovich marcou espaço nas comunidades judaicas do Brasil e da Argentina por sua forma de administrar as divergências. Era considerado como um rabino “moderno” e é dele a ideia de organizar uma forma de *kehila* (congregação central) para agregar toda a comunidade judaica na América do Sul.

<sup>8</sup> Nos primeiros dois anos, funcionou no prédio da União Israelita e depois foi transferida para a Avenida João Pinheiro, 510. Oferecia ao curso completo, na época chamado de Elementar, e tinha como objetivo principal o ensino das línguas do povo judaico (o ídiche e o hebraico) e a história do povo israelita (FALBEL, 1957).

inauguração foi fundada a Sociedade Sagrada (*Chevra Kadisha*) em Belo Horizonte, responsável por organizar e administrar o serviço funerário conforme a tradição.

Com relação ao sagrado, a instituição do cemitério garante a permanência dos rituais, símbolos e tradições. Assim, logo que a legislação municipal permitiu, foi construída a área funerária no cemitério israelita. Hoje ali existe uma sala para a lavagem do corpo do morto e a preparação para o sepultamento; uma área para enterramentos de acordo com os princípios judaicos, que exigem terra limpa, espaço tumular para ser ocupado por apenas um único corpo; e uma pia para lavagem ritual das mãos<sup>9</sup>(CALVO, 2014). Hoje ali também tem marcas da história da comunidade na cidade, incluindo placas afixadas com homenagens aos beneméritos ao longo dos anos e um monumento em memória às vítimas do holocausto.

Na língua hebraica, o cemitério é chamado de *Beit Há Chaym* (casa da vida), simbolizando a ausência do mundo dos vivos e a compreensão mais ampla da vida, lhe dando sentido e significados, principalmente para os judeus da capital mineira manterem viva a tradição judaica e a comunidade judaica.

Como afirmamos, cada comunidade judaica é única e se difere das outras. Aqui, hoje, existem três sinagogas. Duas (uma de tendência progressista e outra de tendência ortodoxa) em pleno funcionamento e uma, a que está no prédio da União Israelita que só funciona em ocasiões especiais e que hoje faz parte do conjunto material da comunidade sob a guarda do Instituto Histórico Israelita Mineiro, mantendo seu aspecto ritualístico e carregando também parte da cultura material numa exposição permanente.

As sinagogas de Belo Horizonte carregam muitos símbolos e organizam o espaço para congregar (ora juntando toda congregação, ora separando homens e mulheres, ora juntando muita gente, ora pouca gente, mas sempre atendendo às festas e cerimônias judaicas). Os símbolos já apresentados aqui podem ser vistos na primeira foto: o armário que guarda os rolos da Torá, o Aron HaCodesh, localizado na parede ao fundo e acima dele, a luz que permanece acesa, a *ner tamid*, o espaço central também é sendo adornado com dois candelabros na parede e detalhes que lembram a história judaica e a história da comunidade de Belo Horizonte e se encontram localizados nas laterais, esculpidos no armário da Torá e nos vitrais.

---

<sup>9</sup> A pia para a lavagem das mãos não tem exatamente uma função de higiene. Ela se destina aos vivos com o significado de lembrar-lhes da continuidade da vida. Ritualmente se joga a água com uma caneca ou as mãos sobre a outra por 3 vezes e se faz uma oração. Não se enxuga as mãos, deixando a água escorrer com fluidez lembrando a vida que persiste fora do cemitério.

A comunidade de Belo Horizonte é pequena em número de membros, formada por muitos casais mistos, ou seja, de membros originalmente da comunidade que se casaram com pessoas de fora da comunidade e do judaísmo. Esse grupo também não aparece tanto, ou não é tão visível como judeus de outros lugares mesmo no país já que não houve e não há aqui uma guetificação dos espaços como nas comunidades ultra ortodoxas<sup>10</sup>. Ainda assim, ergueram-se marcas materiais e imateriais da cultura judaica na cidade. Essas marcas são carregadas, reinterpretadas e ressignificadas por cada judeu, na sua relação com a cidade e com as suas origens e crenças, dando sentido todos os dias ao sagrado que se perpetua na comunidade da capital mineira.



**Figura 1** - Visões da Sinagoga Progressista Tferet Israel, em Belo Horizonte.

**Fonte:** Acervo pessoal

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sagrado se faz de muitas formas no judaísmo. Pode ser carregado no próprio corpo, pode consagrar uma lembrança de dor e resistência, pode ser mais bonito, mais rico, mais feio e mais pobre, pode ser simples e complexo ao mesmo tempo. Os lugares do Sagrado para os judeus são eminentemente um lugar de tradição, de herança, de história, de continuidade e de preservação.

O judaísmo antigo e moderno se faz em torno da noção comunitária e, aqui em Belo Horizonte, se institucionalizou uma comunidade formada por judeus do mundo todo que chegaram em tempos e conjunturas diferentes e, claro, uma comunidade formada hoje pelos seus descendentes. Esses descendentes atribuíram sentido aos espaços materializados pelos seus antepassados para manterem acesas a tradição e a reafirmar seu pertencimento a um grupo que é único e que precisa ser lembrado disso para manter-

<sup>10</sup> Essa é uma particularidade marcante da comunidade de Belo Horizonte quando comparada a outras comunidades do Brasil e do mundo. A configuração da cidade planejada não estipulou espaços reservados a grupos e/ou etnias. Não havia um bairro de judeus como em outras capitais brasileiras.

se como grupo, detentor de uma cultura histórica e repleta de símbolos e tradições que passam a carregar o sagrado quando dá um sentido a esse sagrado.

O que se percebe ao refletir sobre os lugares do sagrado do judaísmo aqui é quase uma afirmação de identidade judaica. O judeu não é apenas parte de uma religião. Para muitas tendências e ciências, o judeu é àquele que pertence a um grupo étnico, que compartilha um passado e uma cultura que lhe confere um reconhecimento de grupo para dentro (para quem faz parte dele) e para fora (para a comunidade maior).

Entretanto, como diriam autores como Zygmunt Bauman ou Stuart Hall, as fronteiras estão cada vez mais fluídas. Quanto mais incluídos e emancipados nas sociedades onde se estabeleceram, menos os judeus precisam de elementos que o discriminem e o lembrem de quem é. Os judeus perpetuam sua identidade como tradição, como respeito, como linguagem e como fé. Hoje ser judeu é fazer parte de um grupo amplo, que não se recolhe apenas à cidade, mas que segue um padrão para o mundo. É herdeiro de uma tradição antiga e repleta de simbologia que, carregada de sentido, é ressignificada a cada dia que o judeu se apropria dela e assume que ela faz parte da sua vida.

Cada vida é sagrada, cada corpo é sagrado. O lugar e as coisas assumem a posição de sagrado por escolha. Assim é o judeu na história e nas suas comunidades. O judeu nem sempre escolheu e nem sempre escolhe no presente o judaísmo. Entretanto, ao longo da história, as perseguições e as adversidades escolheram os judeus. Durante a Inquisição e o Holocausto, bastava ter um quarto de sangue judeu, dando ao judeu um sentido biológico e expulsando uma condição religiosa e de associação com o sagrado.

Mas o sagrado veio e permanece. Nossos usos e referências tornam os lugares sagrados. Nossas escolhas identificam e materializam esse sagrado. A religião é principalmente uma escolha, e é uma escolha que independe de manter-se ou não no judaísmo. O sagrado se afirma seguindo a referência religiosa ou não, porque o sagrado é quando se consagra em um símbolo ou lugar a uma condição de benção, de congregação, de aproximação com o tempo dos antepassados.

Esse sagrado independe do tempo e do espaço. Esse sagrado é compreendido, na acepção de que é englobado e mantido em cada judeu que lembra quem é e lembra qual é a sua história, que é escrita e reescrita e não para por aqui.

## REFERÊNCIAS

AVRITZER, Marcos. Conflitos ideológicos dentro do judaísmo e seu reflexo na vida comunitária belorizontina. In.: **Anais do III Encontro Nacional do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro: História, Memória e Identidade**. Belo Horizonte: Instituto Israelita Mineiro/Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, 2004. p.p. 77-83.

BALABRAM, Débora; GOBBI, Helenice. Padrão de mortalidade da comunidade judaica de Belo Horizonte no século XX. In.: **Revista da Associação Médica Brasileira**. São Paulo Nov./Dec. 2006. p.p. 409-412.

BOTELHO, T. R. A migração para Belo Horizonte, 1897-1940. **Cadernos de História** (PUCMinas), v. 9, p. 11-33, 2007

CALVO, Julia. **Entre Fazer a América e Construir a Cidadania: os judeus em Belo Horizonte nas primeiras décadas do século XX (1910-1940)**. Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós-graduação Em Ciências Sociais da PUC Minas. Orientadora Dra. Léa Souki e Coorientador Dr. Tarcísio Botelho. Belo Horizonte, 2014. (não publicada). Disponível em [http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/CiencSociais\\_CalvoJ\\_1.pdf](http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/CiencSociais_CalvoJ_1.pdf)

\_\_\_\_\_. Belo Horizonte das primeiras décadas do século XX: entre a cidade da imaginação à cidade das múltiplas realidades. In.: **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 14, n. 21, out. 2013. p.p. 71-93.

CALVO, Júlia, ZANDOMÊNICO, Renan Ribeiro. O cemitério e a comunidade judaica em Belo Horizonte – MG: notas de uma confirmação comunitária na cidade. LEWIN, Helena (coord.). **Judaísmo e Cultura: Fronteira em movimento**. Rio de Janeiro: Imprimatur, 2013. p.p. 163-173.

CALVO, Julia ; COSTA, Daniel de Souza ; LEVY, Jacques. E. . Dispersão e Atração: migrações Judaicas para Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <http://www3.cultura.mg.gov.br/arquivos/Bibliotecas/File/dispersao-atracao.pdf>

CALVO, Júlia, ZANDOMÊNICO, Renan Ribeiro, LEVY, Jacques Ernest. Descanso da alma judaica em Belo Horizonte: a construção do cemitério israelita. In. **Revista de Estudos Judaicos**. Belo Horizonte: Instituto Histórico Israelita Mineiro, 2012. Ano 12. N. 9/2011/2012. p.p.9-21

CALVO, Júlia, CASTRO, Rudney Avelino de Castro. Memórias e esquecimentos da cultura judaica em Minas Gerais: os desafios do Instituto Israelita Mineiro. In. **Revista de Estudos Judaicos**. Belo Horizonte: Instituto Histórico Israelita Mineiro, 2012. Ano 14. N. 11/2015/2016. p.p.33-52

CALVO, Júlia, FERREIRA, Amauri Carlos. Da identidade religiosa: a singularidade judaica em Belo Horizonte em tempos de migração. HORIZONTE: REVISTA DE ESTUDOS DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO (ONLINE). , v.17, p.226 - 248, 2019. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2019v17n52p226>

CALVO, Júlia, DA SILVA CARVALHO, Pedro Henrique. aSírios, libaneses e judeus - paradoxo entre o grupo e a nação: participação e restrição em Belo Horizonte nos anos 1930 e 1940 . In.: Cadernos de História (Belo Horizonte). , v.17, p.198 - 220, 2016. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/P.2237-8871.2016v17n26p198>

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **Brasil Judaico: Mosaico de Nacionalidades**. São Paulo: Maayanot, 2013 (série Brasil Judaico; V.2).

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **Cidadão do Mundo: o Brasil diante do Holocausto e dos judeus refugiados do nazifascismo (1933-1948)**. São Paulo: Perspectiva, 2010

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (org.). **O antissemitismo nas Américas**. São Paulo: Edusp, 2008.

CUPERSCHMID, Ethel Mizrahy. **Judeus entre dois mundos: A formação da Comunidade Judaica de Belo Horizonte (1922-1961)**. Dissertação apresentada no curso de mestrado em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. Orientadora: Dr<sup>a</sup> Maria Efigênia Lage de Resende. (não publicada), 1997.

DECOL, René Daniel. Judeus no Brasil: explorando os dados censitários. In.: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. V. 16, N. 46. São Paulo, junho/2001. p.p. 147-160. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/H5RTSJTXcxrhvssYXk3tmDp/abstract/?lang=pt>

FALBEL, Nachman. **Origem e evolução da comunidade judaica em B. Horizonte**. Rio de Janeiro: Arquivo Historico Judaico Brasileiro, 1957 (circulação restrita, como boletim).

GEIGER, Pedro P. A América e a reconstrução da identidade judaica. In.: LEWIN, Helena (org.). **Identidade e Cidadania: como se expressa o judaísmo brasileiro**. Rio de Janeiro: Programa de Estudos Judaicos, 2005. p.p.289-300.

GOLDMANN, Nahum. **O paradoxo judeu: memórias pessoais dos encontros históricos que moldaram o drama do judaísmo moderno**. São Paulo: B'nai B'rith, 1984. 1ed. 1978

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HEMSI, Silvana. Identidade Judaica: significados e pertinência em jovens liberais paulistanos. In: LEWIN, Helena. (coord.) **Identidade e Cidadania: como se expressa o judaísmo brasileiro**. Rio de Janeiro: UERJ, 2005. p.p. 295-296.

MOREIRA, Julia Amaral, CALVO, Júlia. As vozes da História e as vozes na História: revisitando a memória dos sobreviventes do Holocausto em Belo Horizonte. In. In. **Revista de Estudos Judaicos**. Belo Horizonte: Instituto Histórico Israelita Mineiro, 2012. Ano 14. N. 11/2015/2016. p.p.118-145.

MORIN, Edgar. **O Mundo Moderno e a Questão Judaica**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

PFEFFER, Renato Somberg. **A comunidade judaica de Belo Horizonte: formação de uma identidade étnica particular numa sociedade diferenciada e plural.** Dissertação de Mestrado apresentada no Departamento de Sociologia e Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG. Orientador: Dr. Antônio Luiz Paixão, 1993 (Já publicada com o nome Vidas que Sangram para Belo Horizonte)

PÓVOA, Carlos Alberto, PINTO, Gislaine Gonçalves Dias, LEVY, Jacques Ernest. **Espaço urbano de Belo Horizonte: Ocupação e contribuição da comunidade judaica em sua formação.** Relatório da pesquisa, Projeto 868/2011, Lei Municipal de Incentivo à Cultura. Belo Horizonte, 2013 (não publicada).

Recebido: 03.10.2021

Aceito: 10.12.2021